

Por trás dos números

Foi destaque nacional notícia sobre a morte de 49 recém-nascidos na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, em Fortaleza, como se fora a continuação dos dramas recentemente ocorridos em Boa Vista, em Roraima, e Niterói, no Rio de Janeiro, onde dezenas de bebês morreram em decorrência de infecção hospitalar e do desleixo a que está relegada a saúde pública no Brasil. Quando se estabelece esta ligação, certamente por precipitação e desconhecimento do trabalho realizado na Maternidade-Escola, comete-se uma grande injustiça com essa instituição. É verdadeiro e altíssimo o índice de mortalidade de bebês apresentado? Alarmante! Contudo, é temerário expor friamente dados estatísticos para a opinião pública, sem contextualizá-los ou, até mesmo, compará-los de forma equivocada, sem aprofundar a análise em torno dos números. Incorre-se no perigo de submeter a execração pública uma instituição séria e competente, executando um trabalho da maior relevância social no campo da saúde pública no Ceará.

A atitude mais responsável seria abandonar o terreno epidérmico e enganoso das ci-

fras. A realidade que fabrica o alarmante número de recém-nascidos mortos na Maternidade-Escola do Ceará é aquela que todos conhecem, que todos os governantes prometem rever, mas que se eternizam, para o escândalo dos mais apressados e constrangimento dos que têm um pouco de sensibilidade. Sem meias palavras, é a fome e a miséria, transmutadas em anjos da morte de bebês e crianças, desmentindo o discurso fácil e o marketing de autoridades que se jactam de combater a mortalidade infantil, como se isso não fora uma obrigação sua. É profundamente injusto querer transformar a Maternidade-Escola Assis Chateaubriand em "matadouro de criancinhas".

Unidade hospitalar de referência, imprescindível ao Ceará, a Maternidade cumpre também a importante função de Escola para os futuros médicos. Mantém em pleno funcionamento, muitas vezes, a duras penas, um banco de leite que é, igualmente, referência nacional em aleitamento materno, ditando normas e exportando experiências para todo o Brasil. Por quê dos 18 mil partos que ali são realizados, 5 mil são de alto risco? Porque parto

de alto risco não interessa a toda instituição hospitalar pois, quase sempre, vira estatística da morte, que afugenta os administradores públicos. Ninguém quer assumir o peso dessas estatísticas. É bem mais fácil mandar a ambulância com a parturiente de risco bater em outra porta. É a política da "ambulanciaterapia", que prevalece no interior do Estado e na Capital.

Reconhecida como um centro de excelência, torna-se a Maternidade-Escola o recurso perfeito — também, reconheça-se, muitas vezes, a única saída — para o médico de plantão apela nos seus apertos profissionais, despachando para Porangabussu a parturiente problemática, desnutrida, doente, desinformada e que não fez o pré-natal, mas vai ter que dar à luz o filho mal formado, com tudo para engordar as estatísticas mórbidas. Ditames perversos da sociedade fazem com que essas estatísticas "estourem" em hospitais como a Maternidade-Escola que, até mesmo pela sua condição de unidade de excelência e também pelo fato de ser a última esperança para a mulher e seu filho, têm sempre que manter suas portas abertas. O contrário seria condenável. É

ali que as ambulâncias vindas de todo o Ceará "despejam" os seus incômodos "fardos", literalmente.

Se a Maternidade-Escola quisesse cumprir o que manda o figurino burocrático, fecharia o atendimento quando se completassem os 1.250 partos mensais pagos pelo SUS. E não superlotaria o seu berçário, correndo o risco de inflacionar o obituário neonatal. Estaria livre das comparações precipitadas com pardieiros de outros Estados, onde crianças recém-nascidas morrem como moscas, por total irresponsabilidade das administrações hospitalares. Mas, felizmente, a Maternidade-Escola acredita na vida e teima em lutar pela sobrevivência daqueles marcados para morrer no momento de vir à luz. Inacreditável é que, muitíssimas vezes, acontece o milagre: bebês, condenados à morte já na sua concepção, conseguem viver. Não seria o caso, então, de se mostrar para a opinião pública nacional o número dos bebês que, nessas condições precárias, foram salvos na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand.

■ Editorial transcrito do Diário do Nordeste de 21/11/96